

The image shows three women in a rural setting, likely a quilombola community. They are wearing traditional headwraps and patterned clothing, and are working in a field with young plants. The background is a dense, green forest. The top of the image features a decorative graphic with wavy, organic shapes in shades of orange and yellow. The bottom of the image has a solid orange background with logos and text.

# Diagnóstico - Ações de produtividade nas comunidades Quilombolas do Amapá

Maio de 2021



# Diagnóstico - Ações de produtividade nas comunidades Quilombolas do Amapá

## Expediente

### Equipe técnica:

**Ecarn:** Arlison Kleber, Hebert Lucena, Meline Machado e Ronaldo Freitas

**CONAQ/AP:** Mariele Moraes e Nubia Cristina

**Revisão:** Fernanda Abreu e Meline Machado

**Direção de Arte:** Raphael Rabelo

**Fotos:** Arlison Kleber e Nubia Cristina



## APRESENTAÇÃO

A Equipe de Conservação da Amazônia (Ecam), em parceria com a Coordenação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Amapá (CONAQ-AP), tem atuado na construção de estratégias, modelos e mecanismos de gestão e governança territorial e ambiental, com foco na ampliação de estratégias de visibilidade e de fortalecimento das comunidades quilombolas.

O presente estudo, elaborado pela Ecam e Coordenação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Amapá (CONAQ-AP), em parceria com o Instituto Clima e Sociedade (iCS), visa diagnosticar a produção da agricultura familiar praticada pelas comunidades quilombolas no estado do Amapá, para que, de forma participativa possa estabelecer um plano de ação para o fortalecimento da produção agrícola das comunidades, para a segurança alimentar e geração de renda, a partir da comercialização da produção excedente.

A agricultura familiar é a principal fonte de renda das comunidades quilombolas (como mostra o estudo “Quilombos e Quilombolas na Amazônia - Os desafios para o reconhecimento”<sup>1</sup>), mas ainda é preciso dar maior visibilidade ao modo de fazer agricultura nos quilombos e como estes territórios têm contribuído para a manutenção dos biomas e da sociobiodiversidade brasileira.

No Brasil, de acordo com a Fundação Cultural Palmares, existem 3.471 comunidades quilombolas certificadas<sup>2</sup> (dados de abril de 2021), das quais 369 estão na região Norte. No estado do Amapá, são 44 comunidades certificadas e apenas 3 tituladas. De acordo com a CONAQ-AP, o Amapá tem mais de 250 comunidades quilombolas, presentes em 12 dos seus 16 municípios.

*“A discrepância entre essas contagens e estimativas é também reflexo de uma invisibilidade histórica, tanto quanto um obstáculo para a elaboração (e cobrança) de políticas adequadas ao atendimento dessas comunidades. O caminho para a solução dessa invisibilidade passa, como ocorreu no caso indígena, pela introdução da categoria quilombo nos censos e contagens demográficas do IBGE.” (CEBRAP, 2021<sup>3</sup>)*

Diante da diversidade de informações existentes sobre o número de comunidades quilombolas existentes, o presente diagnóstico buscou envolver um número significativo de comunidades com o objetivo de obter uma amostragem representativa das comunidades quilombolas do Amapá.

As análises, resultados e recomendações presentes neste estudo visam apoiar as comunidades quilombolas e suas organizações representativas e parceiras para o desenvolvimento de estratégias de fortalecimento da agricultura familiar quilombola.

Importante ressaltar que este diagnóstico foi realizado durante a pandemia do Coronavírus (COVID-19), período em que se ampliam os desafios das comunidades quilombolas em seus territórios.

O diagnóstico foi elaborado a partir de informações sistematizadas de dados primários (pesquisa de campo) e secundários (dados de instituições locais que atuam com agricultura familiar) sobre produção da agricultura familiar quilombola no Amapá.

Também foram levantadas informações sobre os impactos da COVID-19 na produção da agricultura familiar quilombola e os principais desafios relacionados à produção das comunidades quilombolas

Além disso, o diagnóstico buscou traçar caminhos e recomendações para o movimento quilombola e comunidades sobre a estruturação de planejamentos estratégicos da agricultura familiar quilombola em curto, médio e longo prazo.

1 Disponível em: <http://ecam.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Quilombos-e-Quilombolas-na-Amaz%C3%B4nia-Os-Desafios-para-o-re-conhecimento.pdf>

2 Fonte: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/quadro-geral-por-estados-e-regioes-22-04-2021.pdf>

3 Disponível em: <https://cebrap.org.br/wp-content/uploads/2021/01/Informativo-6-O-impacto-da-Covid-19-sobre-as-comunidades-quilombolas.pdf>



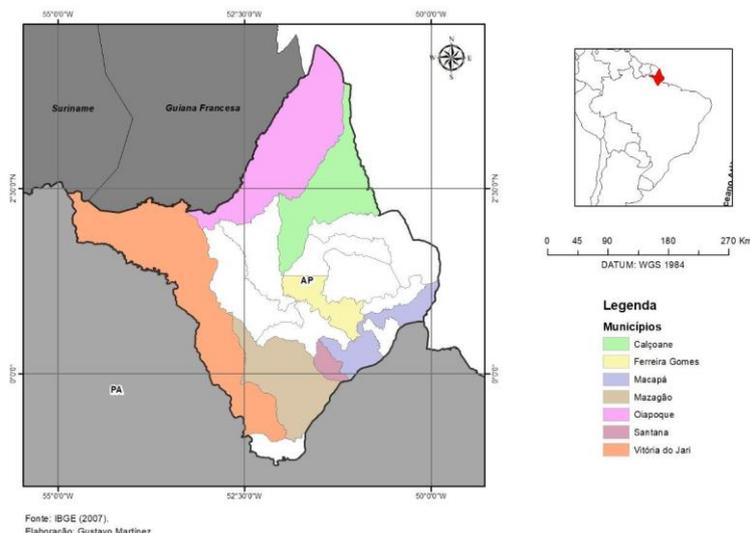
## SUMÁRIO:

1.	Comunidades e organizações comunitárias da pesquisa	6
1.1.	Liderança e relação de gênero	11
1.2.	Assistência técnica e extensão rural	12
1.3.	Financiamentos	14
2.	Caracterização da produção agrícola	15
2.1.	Diversidade	16
2.2.	Volume	19
2.3.	Desafios	21
3.	Beneficiamento da produção agrícola	22
3.1.	Desafios	25
4.	Comercialização da produção	26
4.1.	Canais de comercialização	26
4.2.	Execução do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)	28
5.	Criações	29
6.	Artesanato	32
7.	Turismo	34
8.	Considerações e recomendações	35

## 1. COMUNIDADES E ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS DA PESQUISA

O levantamento em campo foi realizado pela Ecam e CONAQ-AP<sup>4</sup>, entre agosto (2020) e fevereiro (2021), junto a 51 representantes de organizações comunitárias<sup>5</sup> quilombolas no estado do Amapá, distribuídas por 7 municípios do estado.

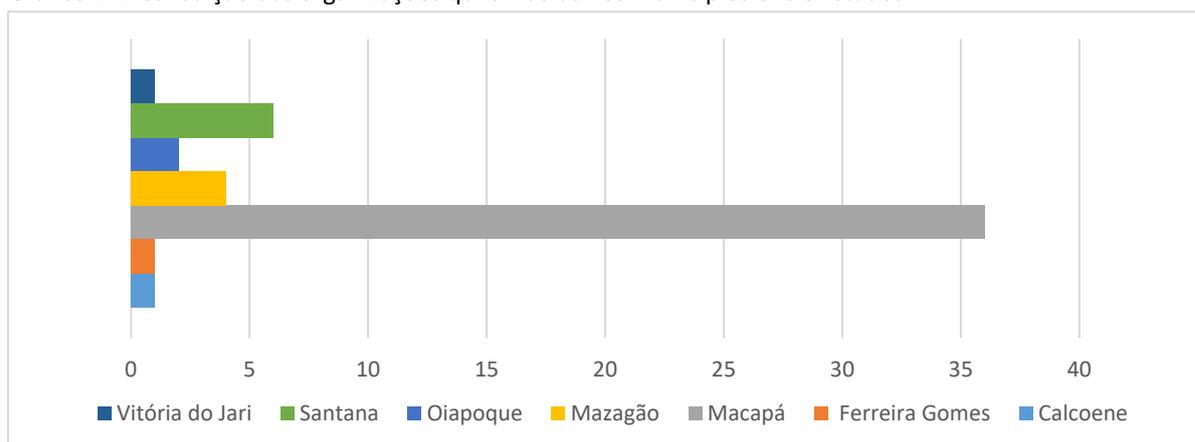
Mapa: Municípios das comunidades entrevistadas



A maior parte dos entrevistados representavam comunidades quilombolas localizadas no município de Macapá (36), respectivamente em ordem decrescente: representantes de comunidades quilombolas de Santana (6), Mazagão (4), Oiapoque (2), Calçoene (1), Ferreira Gomes (1) e Vitória do Jari (1).

Aproximadamente, 70% das entrevistas foram realizadas com representantes de comunidades quilombolas localizadas no município de Macapá.

Gráfico 1: Distribuição das organizações quilombolas nos municípios entrevistados.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

As 51 organizações comunitárias participantes do estudo possuem 3.147 associados e beneficiam 8.723 famílias.

4 O levantamento foi realizado a partir de entrevistas com as lideranças envolvidas com a produção comunitária, para a obtenção de informações sistematizadas. Em alguns casos, as entrevistas foram realizadas com representantes comunitários que possuíam conhecimentos mais práticos sobre a produção.

5 Neste estudo, consideram-se organizações: as associações formalmente constituídas e os grupos informais que ainda não possuem CNPJ.

Quadro 1: Distribuição das famílias beneficiadas pelas organizações por município.

Municípios	Organizações comunitárias	Associados	Nº de famílias atendidas
Calçoene	1	147	95
Ferreira Gomes	1	120	15
Macapá	36	2150	3524
Mazagão	4	396	4527
Oiapoque	2	30	131
Santana	6	248	385
Vitória do Jari	1	56	46
<b>Total Geral</b>	<b>51</b>	<b>3147</b>	<b>8723</b>

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio do Censo Agropecuário 2017<sup>6</sup>, 67% dos produtores rurais individuais do estado do Amapá estão localizados nos sete municípios que tiveram comunidades participantes do diagnóstico. Cabe destacar que o IBGE não apresenta um dado específico sobre o número de agricultores quilombolas presentes nesta região.

No Amapá, predomina a prática da agricultura de subsistência com a comercialização da produção excedente. A mão-de-obra utilizada é majoritariamente familiar. Os cultivos são realizados utilizando, geralmente, recursos financeiros próprios.

Das 51 organizações identificadas no diagnóstico, 44 (aproximadamente de 86%) estão formalizadas, majoritariamente, como associações comunitárias, destinadas à representação política da comunidade. Entretanto, também foram identificadas associações vinculadas à produção da agricultura familiar, pescadores, extrativistas e de manifestação folclórica "Marabaixo" (dança de roda de origem africana, típica da região norte do Brasil).

Das organizações formalizadas, somente 14 não estão com suas diretorias devidamente reconhecidas, outros 4 entrevistados não souberam informar o status do registro de suas diretorias no órgão competente, de acordo com o exigido no artigo 45 do Código Civil<sup>7</sup>.

Ainda foram identificados 2 grupos informais, identificados como comunitários, localizados nos municípios de Santana e Mazagão, e outras cinco organizações que não tiveram identificadas a sua estrutura de representação.

Quadro 2: Nome das organizações, distribuição por município e registro das atas.

Nome das associações identificadas durante as entrevistas	Município	Registro atualizado de atas
ASSOCIAÇÃO DE JOVENS E MORADORES PRODUTORES RURAIS DE SANTA LUZIA DO MARUANUM	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PRODUTORES RURAIS REMANESCENTE DO QUILOMBO CARMO DO MARUANUM	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PRODUTORES RURAIS REMANESCENTE DO QUILOMBO SÃO JOÃO DO MARUANUM 2	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PRODUTORES DE IGARAPÉ DO LADO	Santana	sim
GRUPO COMUNITÁRIO NOVA ESPERANÇA DO PIRATIVA	Santana	N/A
ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES MORADORES DA COMUNIDADE QUE SÃO RAIMUNDO MARUANUM	Macapá	não

<sup>6</sup> Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/>

<sup>7</sup> Ver: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110406compilada.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm)

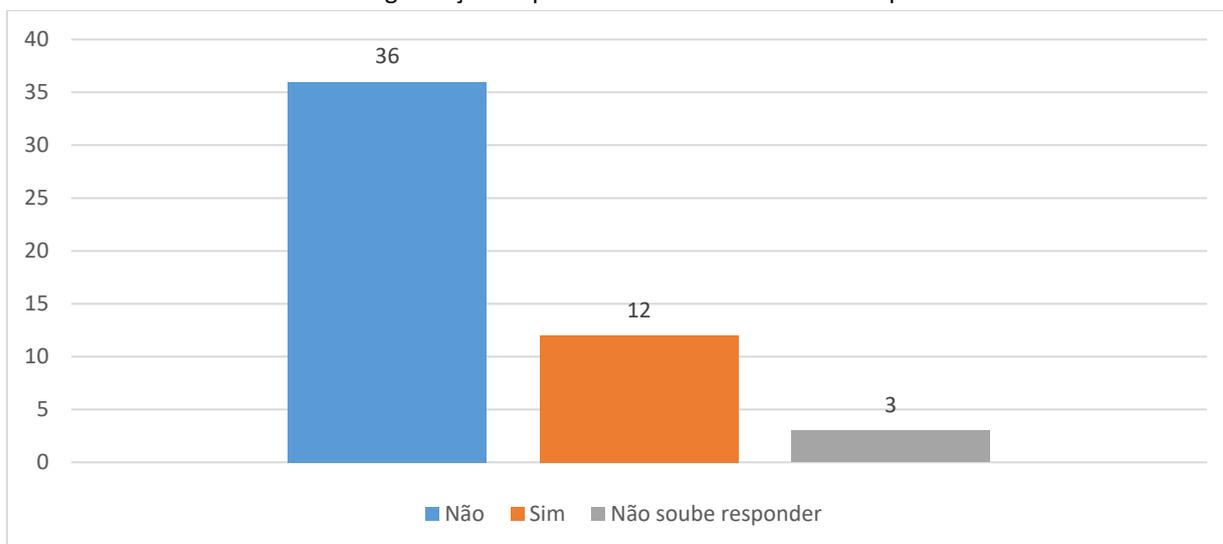
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES REMANESCENTE DE QUILOMBO DA COMUNIDADE DE CURRALINHO	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DOS PRODUTORES RURAIS DO SÃO PEDRO DO CARANA	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO TESSALÔNICA	Macapá	não
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AGRICULTORES QUILOMBOLA DO SÃO FRANCISCO DO MATAPI	Macapá	não
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES REMANESCENTE DE QUILOMBOLAS DO MEL DA PEDREIRA	Macapá	não
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES SÃO LUIZ FLEXAL	Macapá	não
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DA COMUNIDADE ILHA REDONDA	Macapá	não
ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA REMANESCENTE DE CAMPINA GRANDE	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AGRICULTORES QUILOMBOLA DA RESSACA DA PEDREIRA	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES QUILOMBOLAS DO ABACATE DA PEDREIRA	Macapá	não
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES RIBEIRINHOS PESCADORES EXTRATIVISTAS QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DA LONTRA DA PEDREIRA	Macapá	sim
SEM INFORMAÇÃO	Macapá	N/I
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E PRODUTORES DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOLAS DE SÃO JOSÉ DO MATA FOME	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E GRUPO FOLCLÓRICO DO SÃO PEDRO DOS BOIS	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO CULTURAL SÃO TOMÉ	Mazagão	não
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E AGRICULTORES DA CASA GRANDE	Macapá	não
ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DAS COMUNIDADES DO IGARAPÉ DO LAGO DO MARACA	Mazagão	sim
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES REMANESCENTE QUILOMBOLA DE CUNANI	Calçoene	sim
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CONCEIÇÃO DE CACACOARÍ	Macapá	sim
GRUPO DE RAÍZES DO MARABAIXO INFANTIL- GRUPO MARBAIXO DA GUNGÁ	Mazagão	N/A
ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE SÃO SEBASTIÃO DE MAZAGÃO NOVO	Mazagão	não
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO QUILOMBO PATUAZINHO	Oiapoque	sim
ASSOCIAÇÃO DE QUILOMBOLA DOS REMANESCENTES VILA VELHA	Oiapoque	sim
ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES E MORADORES DA COMUNIDADE DO TORRÃO DO MATAPÍ	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES E FAMILIARES DA COMUNIDADE DO SÃO THIAGO	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AGRICULTORES	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES QUILOMBOLAS AGRICULTORES E PESCADORES E EXTRATIVISTAS DOIS IRMÃOS	Santana	sim
ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DOS REMANESCENTES SÃO JOSÉ DO MATAPI	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AGRICULTORES DO AREAL DO MATAPÍ	Macapá	não
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DOS AGRICULTORES E PRODUTORES REMANESCENTE DE QUILOMBO CINCO CHAGAS DO MATAPÍ	Santana	sim
ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DOS REMANESCENTES DO ALTO PIRATIVA	Santana	sim
ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA SÃO RAIMUNDO DO PIRATIVA	Santana	sim
ASSOCIAÇÃO DE RIBEIRINHOS AFRODESCENDENTES DO SÃO JOÃO DO MATAPÍ	Macapá	sim
SEM INFORMAÇÃO	Macapá	não
SEM INFORMAÇÃO	Macapá	não

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES AGRICULTORES FAMILIARES DE SÃO FRANCISCO DO PIRIRIM	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO EXTRATIVISTA DE MORADORES DA COMUNIDADE DE SÃO BENEDITO DO PORTO ABACATE DA PEDREIRA	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO DISTRITO DE SANTA LUZIA DO PACUÍ	Macapá	N/I
ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DO TAPEREIRA	Vitória do Jarí	não
ASSOCIAÇÃO DE MULHERES E AGRICULTORES DE SÃO BENEDITO DO PIRIRIM	Macapá	sim
SEM INFORMAÇÃO	Macapá	N/I
SEM INFORMAÇÃO	Macapá	N/I
ASSOCIAÇÃO DO QUILOMBO DO PESCADA	Macapá	sim
ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE DO IGARAPÉ DO LAGO	Ferreira Gomes	sim
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO QUILOMBO DO CURIAÚ	Macapá	sim

Fonte: Pesquisa de campo (2021). Legenda: N/A (Não aplicável) N/I (Não informado).

Com relação a dívidas financeiras das organizações quilombolas reconhecidas pelos entrevistados, observa-se que 36 organizações (76%) não contraíram dívidas em 2020, o que é um resultado altamente representativo no diagnóstico.

Gráfico 2: Dívidas financeiras de organizações representativas das comunidades quilombolas.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Entretanto, das 12 organizações que relataram possuir dívidas, todas informaram manter pendências com a Receita Federal. Destas, sete possuem dívidas com impostos e somente uma com financiamento público.

Importante salientar que devido à sua dinâmica de aplicação, o diagnóstico não vislumbrou identificar o acesso individual de produtores e produtoras quilombolas a financiamentos públicos ou privados.

Referindo-se especificamente ao financiamento público, destaca-se o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), lançado em 1995 pelo governo federal para propiciar crédito diferenciado para os pequenos produtores rurais, com o objetivo de fortalecer a capacidade produtiva da agricultura familiar, contribuir para a geração de emprego e renda nas áreas rurais e melhorar a qualidade de vida dos agricultores familiares. Em termos práticos, o Pronaf pode ser

destinado a financiar as atividades de custeio de safra, aquisição de tecnologia, agroindustrialização da produção, entre outros.

Para acessar o Pronaf os agricultores e agricultoras familiares devem atender aos seguintes critérios:

- 1) Possuir, pelo menos, 80% da renda familiar originária da atividade agropecuária;
- 2) Deter ou explorar estabelecimentos com área de até quatro módulos fiscais (ou até 6 módulos, quando a atividade do estabelecimento for pecuária);
- 3) Explorar a terra na condição de proprietário, meeiro, parceiro ou arrendatário;
- 4) Utilizar mão-de-obra exclusivamente familiar, podendo, no entanto, manter até dois empregados permanentes;
- 5) Residir no imóvel ou em aglomerado rural ou urbano próximo;
- 6) Possuir renda bruta familiar anual de até R\$ 60.000,00.

A partir dos critérios elencados para a tomada de financiamento nesta modalidade, percebe-se uma baixa aderência dos agricultores e agricultoras quilombolas aos referidos requisitos. No Brasil, historicamente as comunidades quilombolas possuem um diminuto acesso ao Pronaf, entretanto estas informações não estão sistematizadas para que se possa fazer análises mais conclusivas. O que talvez possa explicar parcialmente o baixo acesso ao Pronaf é a baixa emissão de Declaração de Aptidão ao PRONAF (DAP), principalmente para comunidades não certificadas<sup>8</sup> pela Fundação Cultural Palmares.

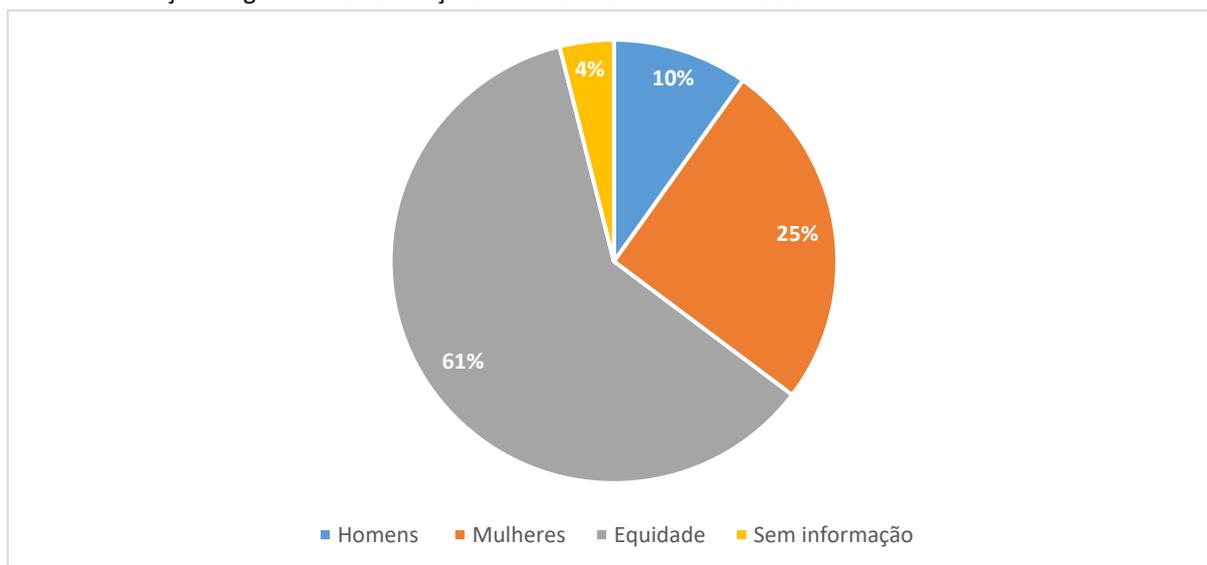


<sup>8</sup> A Portaria nº 90/2013, do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), traz disposições sobre o regulamento e as condições para concessão de crédito rural. Conforme o documento, a DAP passa a ser emitida para todas as comunidades certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Vale ressaltar que a emissão das declarações é realizada mediante requerimento das famílias interessadas.

## 1.1. LIDERANÇA E RELAÇÃO DE GÊNERO

A partir das informações sobre o exercício da liderança nas 51 organizações e as relações de gênero (Gráfico 2), percebe-se que majoritariamente a gestão é compartilhada entre homens e mulheres (61%), o que demonstra equidade de gênero, e que em 25% destas organizações as mulheres ocupam posições de destaque na liderança.

Gráfico 3: Relação de gênero na liderança das comunidades entrevistadas.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Em um estudo recente, Custódio (2019)<sup>9</sup> afirmou que em muitos territórios quilombolas tradicionais da Amazônia, as mulheres negras lideram suas comunidades. Ainda, segundo a autor, na história oficial do estado do Amapá há uma lacuna no papel e na contribuição da mulher negra no período da escravidão e no pós-abolição. Ele afirma também que quando se busca na memória dos municípios, raramente se encontram informações relativas ao protagonismo da mulher negra.

Aliado ao predomínio das mulheres quilombolas na ocupação de postos de liderança nas organizações comunitárias que participaram do diagnóstico, é importante destacar o papel central delas no manejo dos quintais agroflorestais e no cultivo das hortaliças mistas nas comunidades. Essas atividades ocupam uma função estratégica na produção de alimentos que complementam a segurança alimentar e nutricional das famílias.

Nessa perspectiva, torna-se fundamental que programas de desenvolvimento que visem o fortalecimento das comunidades remanescentes de quilombos evidenciem o protagonismo e as experiências das mulheres quilombolas na gestão das organizações comunitárias e na produção rural familiar, pois muitas vezes as ações dessas mulheres são invisibilizadas.

<sup>9</sup> Fonte: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/43093/pdf>

## 1.2. ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL

De maneira geral, o acesso à assistência técnica agropecuária pela agricultura familiar tem significado diminuir custos de produção, ampliar acesso a tecnologias produtivas, aumentar produtividade, utilizar de forma mais racional a mão de obra disponível e, por fim, melhorar a segurança alimentar e nutricional das comunidades, além de melhorar a renda das famílias com a comercialização da produção excedente.

O diagnóstico identificou que 31 organizações declararam receber assistência técnica, 19 entrevistados declararam não receber e um entrevistado não respondeu à questão formulada.

O questionário utilizado nas entrevistas elencou as principais organizações do Amapá que atuam direta ou indiretamente com assistência técnica e extensão rural, sendo identificadas 9 organizações.

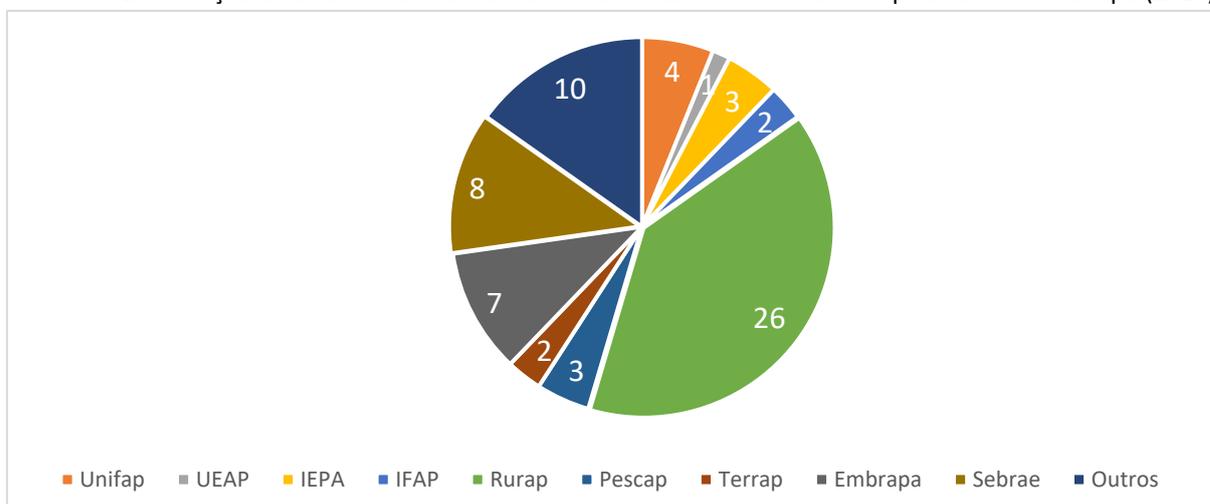
Quadro 3. Organizações que prestam serviços de assistência técnica e extensão rural às comunidades quilombolas vinculadas às organizações entrevistadas.

Sigla	Nome da organização
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
IEPA	Instituto de pesquisa científica e tecnológica do Estado do Amapá
IFAP	Instituto Federal do Amapá
PESCAP	Agência de Pesca do Estado do Amapá
RURAP	Instituto de Desenvolvimento Rural do Pará
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE)
TERRAP	Instituto de Terras do Amapá
UEP	Universidade do Estado do Amapá
OUTROS	Prefeituras municipais e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC)

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

O diagnóstico aponta que 26, dos 31 entrevistados que responderam receber assistência técnica, declararam que suas comunidades são atendidas pelo RURAP, órgão público oficial do Governo do Estado do Amapá, para ofertar assistência técnica e extensão rural gratuita aos agricultores.

Gráfico 4: Distribuição da assistência técnica e extensão rural em comunidades quilombolas no Amapá (2020).



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

O RURAP atua com atividades de gestão econômica-social, apoio à implementação de feiras, difusão de tecnologias, experimentação, entre outros. O fato de ter 22 escritórios de assistência técnica distribuídos entre os 16 municípios do Amapá configura uma grande capilaridade de atuação. O órgão também implementa, no estado, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

Mesmo que em menor ocorrência, todas as demais organizações listadas no diagnóstico foram citadas pelos entrevistados. Ainda foram mencionadas outras organizações que não compunham a lista inicial do diagnóstico como prestadoras de assistência técnica aos agricultores, como a Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Município de Macapá, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e a Prefeitura Municipal de Macapá.



### 1.3. FINANCIAMENTOS

Dos 19 entrevistados que responderam que suas organizações receberam financiamento nos últimos anos, 18 informaram terem recebido financiamentos públicos e somente um financiamento privado. Todos informaram que os financiamentos estão pagos.

Com relação ao destino dos recursos financeiros recebidos, os entrevistados elencaram uma série de investimentos, como aquisição de implementos agrícolas, construção de casas de farinha, compra de trator, preparo de áreas de cultivo, aquisição de kit-pesca e até mesmo o acesso a programas do Governo Federal, como o “Minha Casa, Minha Vida”, para a aquisição de residências.

Ao analisar as respostas dos entrevistados sobre o acesso a “financiamento”, conjuntura-se a possibilidade de a questão não ter sido compreendida pelos entrevistados de acordo com o esperado, pois também houve citações de acesso a cursos de formação de igualdade racial. Ainda nesse item foi mencionada a aquisição de casas de farinha, por exemplo, que provavelmente não foram realizadas por financiamentos, mas sim por doação pública ou privada.

Observa-se também que ao se perguntar sobre os valores financiados, houve uma certa discrepância, por haver valores informados bastante superiores à série histórica dos valores financiáveis à agricultura familiar quilombola por agentes públicos, por isso optou-se por não considerar essa informação no resultado deste estudo.



## 2. CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Os sistemas de produção agrícola quilombola na Amazônia compreendem a interação dinâmica entre diversas atividades agrícolas, como cultivo de roças de coivara, quintais agroflorestais, sistemas agroflorestais, hortas, extrativismo e criações.

Neste sentido, o presente diagnóstico busca contribuir para a ampliação das informações existentes sobre a produção agrícola das comunidades quilombolas no que tange o volume de produção, a diversidade de produção e a identificação dos canais de escoamento.

O conhecimento da realidade que envolve as atividades produtivas nas comunidades quilombolas é fundamental no contexto social. Nesse sentido, o diagnóstico da produção agropecuária das comunidades quilombolas possibilita compreender as especificidades socioeconômicas articuladas ao uso da terra e relações de trabalho, principalmente neste período em que se vivencia os impactos gerados pela Covid-19.



## 2.1. DIVERSIDADE

Das 51 organizações entrevistadas, 39 responderam que suas organizações estão envolvidas com algum tipo de produção agropecuária.

Segundo os dados da pesquisa, as comunidades que possuem a maior diversidade de produção são a Associação Quilombola dos Remanescentes Vila Velha e a Associação de Moradores Remanescentes de Quilombo da Comunidade de Curralinho.

Quadro 4. Nome das organizações e diversidade dos principais produtos relatados pelos entrevistados.

Nome da organização	Diversidade
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES QUILOMBOLAS DO ABACATE DA PEDREIRA	2
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DA COMUNIDADE ILHA REDONDA	2
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AGRICULTORES	4
ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES MORADORES DA COMUNIDADE QUE SÃO RAIMUNDO MARUANUM	2
ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE SÃO SEBASTIÃO DE MAZAGÃO NOVO	2
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AGRICULTORES QUILOMBOLA DO SÃO FRANCISCO DO MATAPI	3
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES REMANESCENTES QUILOMBOLA DE CUNANI	5
ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA SÃO RAIMUNDO DO PIRATIVA	4
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PRODUTORES DE IGARAPÉ DO LADO	2
ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DOS REMANESCENTES DO ALTO PIRATIVA	3
ASSOCIAÇÃO CULTURAL SÃO TOMÉ	2
ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DAS COMUNIDADES DO IGARAPÉ DO LAGO DO MARACA	6
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO TESSALÔNICA	3
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PRODUTORES RURAIS REMANESCENTES DO QUILOMBO CARMO DO MARUANUM	6
ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DOS REMANESCENTES VILA VELHA	8
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PRODUTORES RURAIS REMANESCENTES DO QUILOMBO SÃO JOÃO DO MARUANUM 2	3
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES REMANESCENTES DE QUILOMBO DA COMUNIDADE DE CURRALINHO	7
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES RIBEIRINHOS PESCADORES EXTRATIVISTA QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DO LONTRA DA PEDREIRA	4
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DOS PRODUTORES RURAIS DO SÃO PEDRO DO CARANA	6
ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA REMANESCENTES DE CAMPINA GRANDE	6
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES QUILOMBOLAS AGRICULTORES E PESCADORES E EXTRATIVISTAS DOIS IRMÃOS	6
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DOS AGRICULTORES E PRODUTORES REMANESCENTES DE QUILOMBO CINCO CHAGAS DO MATAPÍ	4
GRUPO DE RAÍZES DO MARABAIXO INFANTIL- GRUPO MARABAIXO DA GUNGÁ	2
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E AGRICULTORES DA CASA GRANDE	5
NOVA ESPERANÇA DO PIRATIVA	2
ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES E FAMILIARES DA COMUNIDADE DO SÃO THIAGO	3
ASSOCIAÇÃO DE RIBEIRINHOS AFRODESCENDENTES DO SÃO JOÃO DO MATAPÍ	5
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO QUILOMBO PATUAZINHO	4

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E PRODUTORES DA COMUNIDADE REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS DE SÃO JOSÉ DO MATA FOME	3
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AGRICULTORES QUILOMBOLA DA RESSACA DA PEDREIRA	4
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS DO MEL DA PEDREIRA	4
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES AGRICULTORES FAMILIARES DE SÃO FRANCISCO DO PIRIRIM	3
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES SÃO LUIZ FLEXAL	2
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AGRICULTORES DO AREAL DO MATAPÍ	4
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CONCEIÇÃO DE MACACOARÍ	4
ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DOS REMANESCENTES DO SÃO JOSÉ DO MATAPI	5
ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES E MORADORES DA COMUNIDADE DO TORRÃO DO MATAPÍ	1
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E GRUPO FOLCLÓRICO DO SÃO PEDRO DOS BOIS	4
SEM INFORMAÇÃO	2

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Ainda sobre a diversidade de cadeias produtivas relatadas pelos entrevistados, foram definidos 4 grupos de cultivo, sendo eles: cultivos de roçados, produção de frutas (sistemas agroflorestais e/ou quintais agroflorestais), produtos de extrativismo e produção de hortaliças.

Quadro 5: Sistemas agroflorestais e Quintais agroflorestais.

Sistemas agroflorestais	Quintais agroflorestais
<p>Podem ser definidos como uma forma de cultivo múltiplo, onde diferentes espécies de plantas interagem na mesma área, sendo pelo menos uma delas arbórea e outra manejada para produção agrícola em um curto espaço de tempo.</p> <p>As principais espécies cultivadas em sistemas agroflorestais (SAFs) em comunidades amazônicas tradicionais são: açaí, cupuaçu, banana, bacaba, graviola, entre outras espécies frutíferas. Nos SAFs, também são cultivadas espécies florestais, como freijó, mogno, marupá, paricá, andiroba, entre outros.</p> <p>Este sistema permite aumentar a produção total ou de uma maneira escalonada no tempo e no espaço, através da integração de florestas com espécies agrícolas e/ou criações, aplicando práticas de manejo compatíveis com os padrões culturais da população local.</p>	<p>Caracterizam-se como pequenos pomares próximos às residências, uma modalidade menor que os sistemas agroflorestais. Sua principal função é produzir alimentos para o consumo familiar.</p> <p>A estratégia de desenvolver cultivos perto das casas e manejar plantas úteis permite a economia de tempo e é uma forma prática de obter alimentos e remédios caseiros.</p> <p>As principais espécies citadas em estudos são: abacate, abacaxi, açaí, acerola, araçá, bacaba, cacau cupuaçu, goiaba, entre outros.</p> <p>Outra função comum dos quintais é servir como abrigo para criações de animais, de dia ou somente à noite, depois de retornarem do pastoreio.</p>

Quadro 6: Composição dos sistemas de cultivo desenvolvidos pelas comunidades quilombolas.

Sistemas de cultivo	Descrição de espécies
Cultivos De Roçado	Cana-de-açúcar, mandioca, macaxeira e milho.
Produção De Frutas	Abacaxi, acerola, banana, cacau, caju, cupuaçu, graviola, jaca, maracujá e melancia.
Extrativismo	Açaí, andiroba, bacaba, castanha do brasil, pracaxi, taperebá.
Produção De Hortaliças	Hortaliças folhosas em geral, pimenta e ervas medicinais.

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

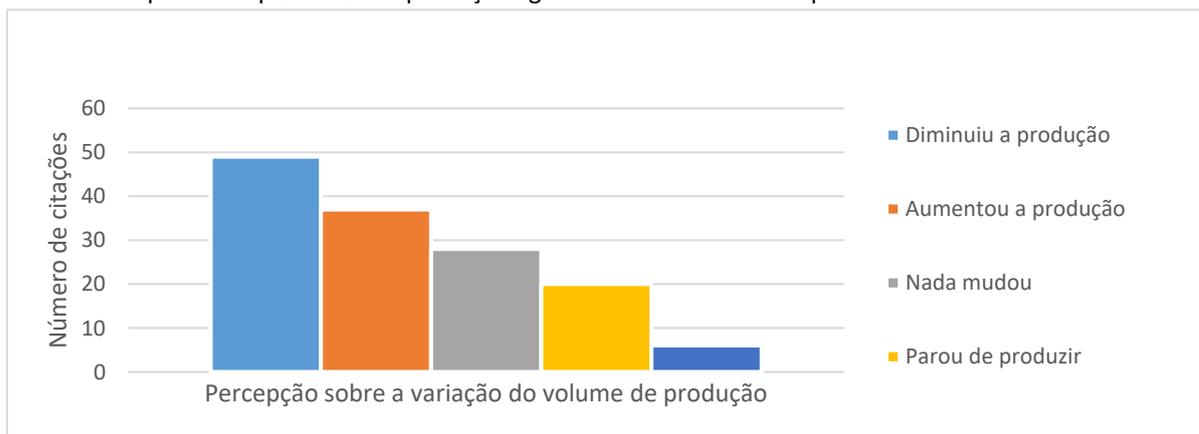
Desde o início da pandemia da COVID-19, ampliaram-se os desafios de agricultores familiares da Amazônia Legal para com o cultivo, beneficiamento, escoamento e comercialização de alimentos produzidos em suas unidades familiares. Desafios estes que não poderiam ser diferentes em comunidades quilombolas no estado do Amapá.

Diante de um cenário de restrições à circulação de pessoas, o mercado para produtos de ciclos curtos para consumo “in natura”, que é a base da produção da agricultura familiar quilombola, e mesmo para produtos processados como polpas de frutas, foram impactados negativamente pela pandemia, o que contribui diretamente com a diminuição da renda de comunidades tradicionais.

A partir da percepção dos entrevistados no diagnóstico, pode-se aferir que houve uma diminuição da produção de alimentos no ano de 2020, o que pode estar diretamente relacionado a mais um impacto da COVID-19 nas comunidades quilombolas.

O diagnóstico apontou que nos 140 cultivos<sup>10</sup> distribuídos nas comunidades, é possível verificar que 49 cultivos (35%) tiveram sua produção reduzida, em 37 (26,5%) se manteve a produção semelhante a anos anteriores, em 28 (20%) houve um aumento na produção, em 20 (14%) não houve produção e em 6 (4,5%) dos casos os entrevistados não souberam informar o status da produção em 2020.

Gráfico 5: Impactos da pandemia na produção agrícola das comunidades quilombolas.



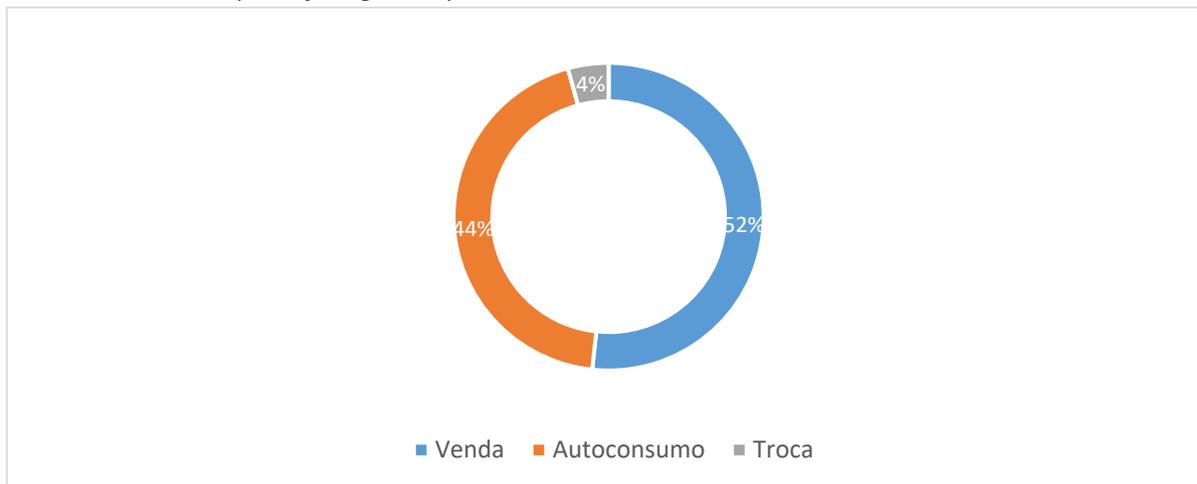
Fonte: Pesquisa de campo (2021).

<sup>10</sup> Uma mesma espécie é produzida em diferentes comunidades. Entretanto, neste estudo, optou-se por utilizar a percepção dos entrevistados sobre os impactos da pandemia sobre cada cultivo produzido em sua comunidade.

## 2.2. VOLUME

Das 51 comunidades entrevistadas, 41 afirmaram que suas organizações possuem produção agrícola. O estudo apontou que 52% produção é destinada à venda, 44% para o autoconsumo e 4% é direcionado para trocas internas nas comunidades.

Gráfico 6: Destino da produção agrícola quilombola.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

A partir dos dados analisados, é possível verificar um equilíbrio entre as produções destinadas à venda e para o autoconsumo. Não se constatou a existência da produção de uma espécie destinada exclusivamente para a comercialização, no geral a diversidade de alimentos comercializados também fazem parte da dieta alimentar das comunidades.

Pelos dados analisados, é possível inferir os quatro cultivos mais expressivos em termos de volumes produzidos, sejam para o autoconsumo ou para comercialização de excedentes. São eles: farinha de mandioca, açaí, banana e macaxeira.

O destaque, no entanto, é a plantação da mandioca para a produção de farinha, que está presente em 27 das 40 comunidades, ou seja, em 75% das comunidades. O cultivo ocorre de maneira convencional e o processamento é realizado em casas de farinha não mecanizada e mão de obra familiar.

Quadro 7: Volume de produção dos principais cultivos nas comunidades quilombolas.

Produto	Volume produzido	Número de comunidades
Farinha de mandioca	25.050 sacas/60l	27
Açaí	680 toneladas (frutos in natura)	12
Banana	3636 cachos	6
Macaxeira	5,5 toneladas	3

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

### 2.3. DESAFIOS

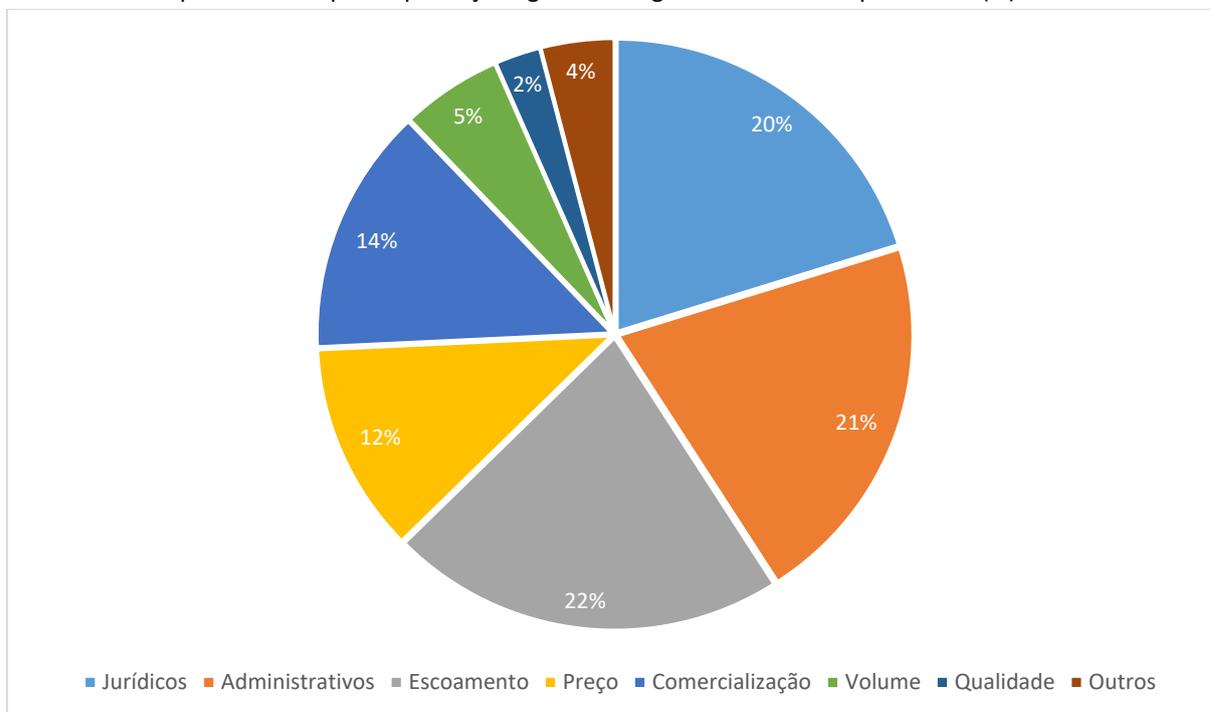
Com relação a possíveis entraves para a produção agrícola, foi apresentado aos entrevistados uma lista de opções, onde poderiam eleger mais de um desafio. As principais respostas selecionadas pelos entrevistados foram: escoamento da produção (22%), que provavelmente deve estar ligado à falta de transporte de qualidade e à precariedade das vias de acesso aos mercados consumidores; problemas administrativos (21%), ligados à gestão da produção pelas organizações; e jurídicos (20%), o qual vislumbra-se que possa estar ligado à legalização jurídica das organizações. Em menor frequência, foram assinalados, respectivamente, comercialização, preço, volume, qualidade e outros (Gráfico 6).

O entrevistado também podia comentar sobre outros fatores que influenciam na produção e que não estavam disponíveis na lista. Foram citados espontaneamente os seguintes:

- Falta de investimento
- Falta de financiamento (acesso a crédito)
- Abastecimento irregular de energia
- Baixo acesso a assistência técnica para as comunidades
- Acesso à tecnologia, como tratores para o preparo da área a de cultivo
- Regularização fundiária

Por fim, é importante destacar que o entrevistado representante da comunidade do Patuazinho relatou que a área de cultivo vem perdendo espaço devido às constantes invasões às áreas da comunidade.

Gráfico 7: Principais entraves para a produção agrícola da agricultura familiar quilombola (%).

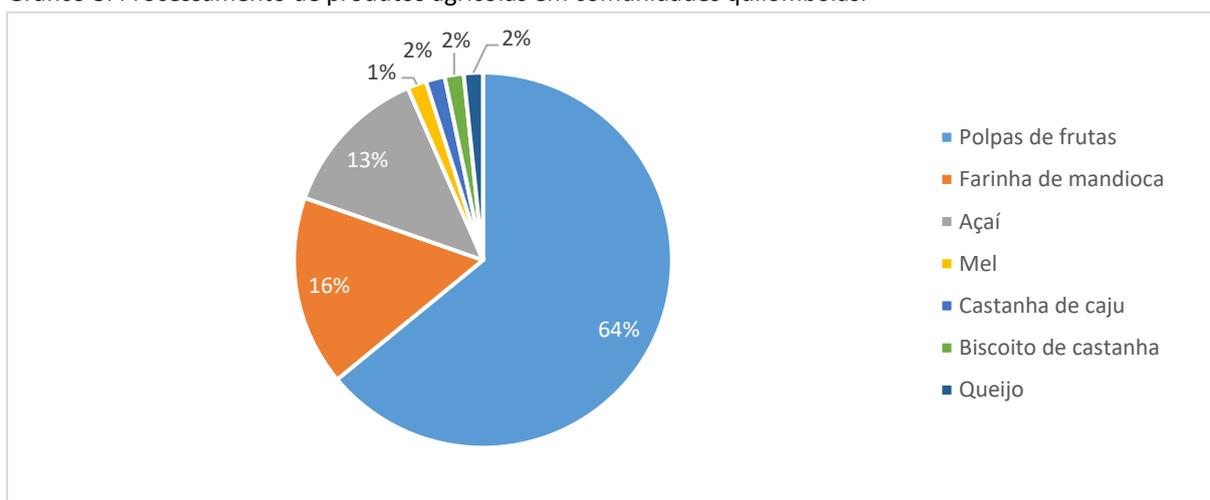


Fonte: Pesquisa de campo (2021).

### 3. BENEFICIAMENTO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Com relação aos produtos processados pelas comunidades, destacam-se as polpas de frutas (64%), como acerola, cupuaçu, caju, graviola, manga e taperebá. Em ordem decrescente também foram citadas a farinha de mandioca (16%) e o açaí (13%). Além desses produtos, foram relatados o processamento de mel, castanha de caju, queijo e macaxeira.

Gráfico 8: Processamento de produtos agrícolas em comunidades quilombolas.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

As comunidades quilombolas possuem uma grande diversidade de frutas cultivadas em seus quintais, como aponta o diagnóstico. A produção que excede o consumo da família é comercializada de forma *in natura* ou é processada e transformada em polpas.

Os problemas jurídicos relatados pelos entrevistados com relação à produção agrícola podem estar diretamente relacionados à necessidade de adequação sanitária da produção de polpa de frutas à legislação local, bem como condições de armazenamento e transporte da produção devido à sua perecibilidade.

A farinha de mandioca, segundo produto mais citado pelos entrevistados, possui um importante papel na segurança alimentar das famílias e para a geração de renda das comunidades quilombolas.

Segundo a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Rural do Amapá (SDR), a farinha de mandioca foi o produto mais vendido nas feiras livres em Macapá e Santana, nos anos de 2018 e 2019, com uma movimentação de mais de R\$ 24 milhões<sup>11</sup>. O montante representa 27,29% de tudo o que foi comprado nas feiras. Cabe destacar que a SDR não informa a origem da farinha comercializada nas feiras, ou seja, se são oriundas exclusivamente da agricultura familiar ou também se existe participação da agricultura patronal<sup>12</sup>.

O levantamento de dados apontou que, dos nove relatos sobre processamento de farinha de mandioca, somente a Associação de Moradores e Produtores Rurais Remanescentes, do Quilombo São João do Maruanum, 2 possui estrutura de produção mecanizada. As demais são classificadas como manual ou semimecanizada.

11 Fonte: <https://portal.ap.gov.br/noticia/1202/em-2-anos-farinha-de-mandioca-movimenta-mais-de-r-24-milhoes-no-ap>.

12 Agricultura patronal é um conceito econômico e jurídico adotado no Brasil, que se contrapõe à agricultura familiar, e que conta, em sua produção, com empregados permanentes ou temporários. Esse tipo de agricultura visa o comércio nacional, com ênfase na própria região do estabelecimento agrícola, enquanto a agricultura familiar se volta à produção de subsistência e para a comercialização de excedentes.

Uma casa de farinha manual possui todos os maquinários movidos pela força humana, com exceção do ralador movido à eletricidade, por sua vez o termo casa de farinha semimecanizada é utilizado para indicar as casas de farinha que possuem um forno mecanizado. Já uma casa de farinha considerada mecanizada possui a maior parte dos seus equipamentos industrializados e praticamente sem trabalho manual.

Souza (2013)<sup>13</sup> conduziu um interessante estudo em 3 grupos familiares produtores de farinha de mandioca, no distrito de Calama, município de Porto Velho/RO, em relação a percepção dos produtores sobre os impactos na saúde decorrentes das diferentes etapas de produção de farinha, utilizando casas de farinhas mecanizadas e semimecanizadas. O estudo apontou que a etapa de descascar a mandioca foi citada pelo menos uma vez por todos os grupos familiares. Logo, tanto a casa de farinha manual ou semimecanizada podem gerar grandes impactos negativos à saúde dos produtores.

Quadro 8: Nível de Mecanização x Atividades Críticas.

Grupos familiares	Casa de Farinha		Atividades críticas		Queixas e Dores
	Manual	Semimecanizada	Mais cansativas	Mais demoradas	
I		X	Descascar e arrancar	Descascar	Dores de cabeça, costas, nas juntas, ardor nos olhos, ardor nas costas, queimadura.
II	X		Descascar, ficar em pé e torrar	Descascar	Dores na perna, cotovelo, ombro, embaixo do pé, cabeça, queimadura, ardor nos olhos e calor.
III	X	X	Descascar e escaldar	Descascar	Dores no quadril, de cabeça nos olhos, nas pernas, nos braços, nos ombros, no punho, nos joelhos, vista cansada e queimadura.

Fonte: <https://www.revistaacoergonomica.org/revista/index.php/ojs/article/view/242>

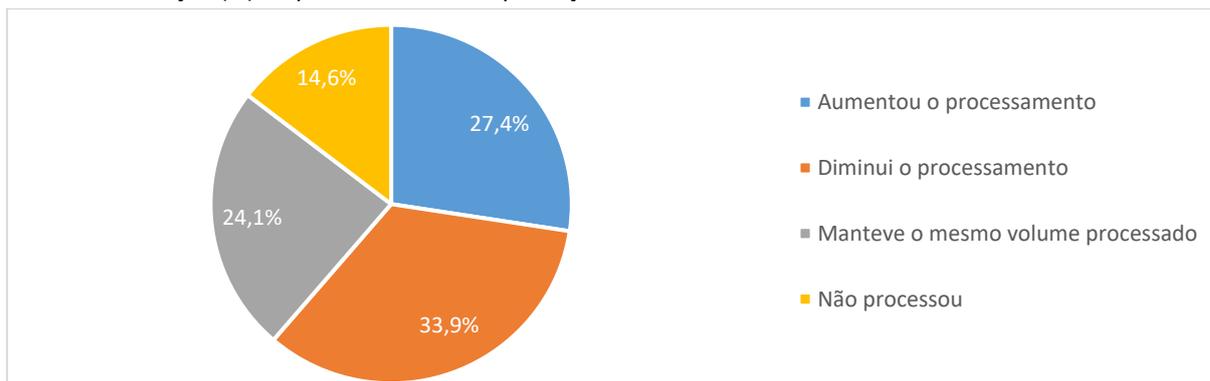
Além disso, os resultados da mecanização do processo de produção de farinha ficam evidentes com a quantidade de farinha produzida. Com um trabalho manual, o produtor consegue preparar no máximo 250 quilos de farinha, o equivalente a 5 sacas por dia. Já com a mecanização, a produção quadruplica e pode chegar a uma tonelada por dia, o equivalente a 20 sacas. Além disso, a mecanização diminui o desgaste físico dos produtores, mantendo a qualidade da farinha.

A aquisição de tecnologia para a produção de farinha de forma mecanizada, acompanhada da qualificação dos produtores em Boas Práticas de Fabricação (BPF), é essencial para a sustentabilidade econômica das comunidades, uma vez que poderá representar um significativo aumento da renda e para a sustentabilidade social, por representar uma economia de mão-de-obra empregada nessa cadeia produtiva.

Assim como a forte diminuição de cultivos em 2020, os entrevistados relatam que houve uma redução dos produtos comumente processados. Houve uma redução de 33% no processamento da produção e 14,6% do produzido em 2019 não foi produzido em 2020.

<sup>13</sup> Fonte: <https://www.revistaacoergonomica.org/revista/index.php/ojs/article/view/242>

Gráfico 9: Variação (%) do processamento da produção.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

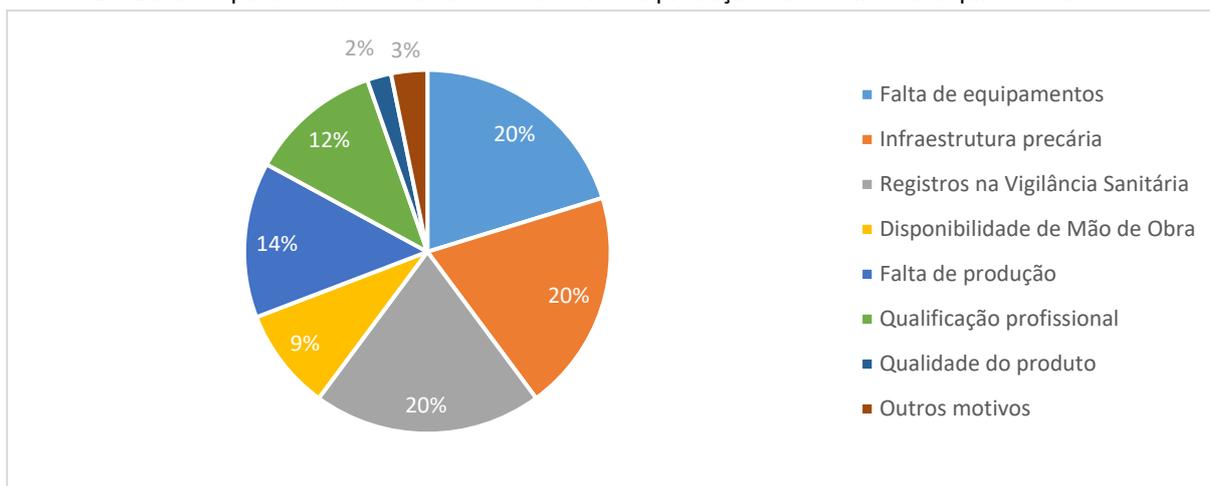
A partir destes dados é possível aferir que em 2020 o processamento da produção das comunidades quilombolas sofreu um impacto de 47,6%, ou seja, quase metade do processado em 2019 não foi realizado em 2020. Entre os produtos observados, o processamento de polpa de frutas foi mais impactado.



### 3.1. DESAFIOS

Quando perguntado aos entrevistados sobre quais seriam os desafios que as comunidades quilombolas precisam superar para aumentar o beneficiamento da produção, observa-se que os principais desafios são três: falta de equipamentos, infraestrutura precária e ausência de registro de produtos na vigilância sanitária.

Gráfico 10: Desafios para o aumento do beneficiamento da produção de comunidades quilombolas.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

A falta de equipamentos é exemplificada na baixa disponibilidade de casas de farinha mecanizadas, pois como visto anteriormente a produção de farinha é uma das principais atividades econômicas das comunidades. Além disso, as casas de farinha podem representar aumento da produtividade, melhoria da qualidade do produto e redução do esforço da mão-de-obra empregada para a atividade.

A precariedade de infraestrutura indicada no diagnóstico está ligada à instabilidade do abastecimento de energia elétrica, baixa qualidade dos ramais (estradas) e falta de agroindústria.

Já a falta de registro de produtos na vigilância sanitária está diretamente ligada à baixa disponibilidade de infraestrutura de beneficiamento adequado. A precariedade das estruturas de beneficiamento, como agroindústrias, não permite que órgãos responsáveis pela vigilância sanitária realizem a certificação, o que consequentemente representa um entrave para a comercialização de produtos processados.

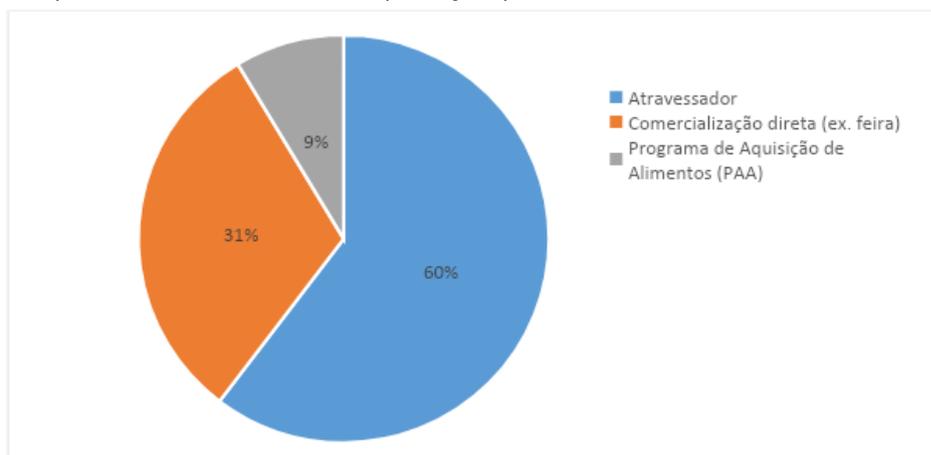
Já quando aberta a possibilidade de os entrevistados relatarem outros desafios não elencados na lista, surgiram aspectos ligados à falta de financiamento, falta de assistência técnica e falta de transporte adequado para o escoamento da produção beneficiada. Os desafios do beneficiamento apresentam-se similaridade aos desafios da produção.

## 4. COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

### 4.1. CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO

O Diagnóstico abordou os principais canais de escoamento da produção utilizados pelas comunidades quilombolas. Os entrevistados poderiam eleger mais de um canal de escoamento.

Gráfico 11: Principais canais de escoamento da produção quilombola.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Foi identificado que 60% da comercialização da produção é realizada para atravessadores. Os principais produtos são farinha, açaí e frutas *in natura*, como abacaxi, banana, cupuaçu, limão e taperebá. Já cerca de 31% comercializam diretamente seus produtos, sobretudo em feiras. A farinha é o principal produto comercializado por esse canal.

Segundo os dados do diagnóstico, somente cinco organizações comercializaram produtos com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), financiado pelo Governo Federal. São elas:

- Associação dos moradores dos agricultores e produtores remanescentes de quilombo Cinco Chagas do Matapi (fornece polpas de frutas);
- Associação de jovens e moradores produtores rurais de Santa Luzia do Maruanum (fornece: farinha, tucupi e tapioca);
- Associação de moradores remanescentes de quilombo da comunidade de Curralinho (fornece: abóbora, banana, melancia, macaxeira e verduras);
- Associação de moradores e produtores rurais remanescentes do quilombo do Carmo do Maruanum (fornecem banana, melancia, maracujá e macaxeira);
- Associação cultural São Tomé (farinha).

O Programa de Aquisição de Alimentos realiza a compra de alimentos produzidos pela agricultura familiar, com dispensa de licitação, e os destina às pessoas em situação de insegurança alimentar. Além disso, o PAA também contribui para a constituição de estoques públicos de alimentos produzidos por agricultores familiares e para a formação de estoques pelas organizações da agricultura familiar.

Muitas famílias praticam mais de uma forma de comercialização. Apesar desta diversidade, as famílias realizam parte de sua venda aos atravessadores (intermediários), por falta de uma estruturação de escoamento e precariedade das estradas, por exemplo, o que diminui as oportunidades de acesso a mercados de venda direta.

## 4.2. EXECUÇÃO DO PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS (PAA)

Paralelamente ao desenvolvimento do diagnóstico, foi realizado contatos com o Instituto de Desenvolvimento Rural do Amapá (RURAP), que executa localmente o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

Criado em 2003, o PAA tem como intuito fomentar a Agricultura Familiar e o acesso à alimentação de qualidade. Isso é feito através da compra de produtos dessa modalidade, por órgãos públicos, sem a obrigação de passar por processos de licitação.

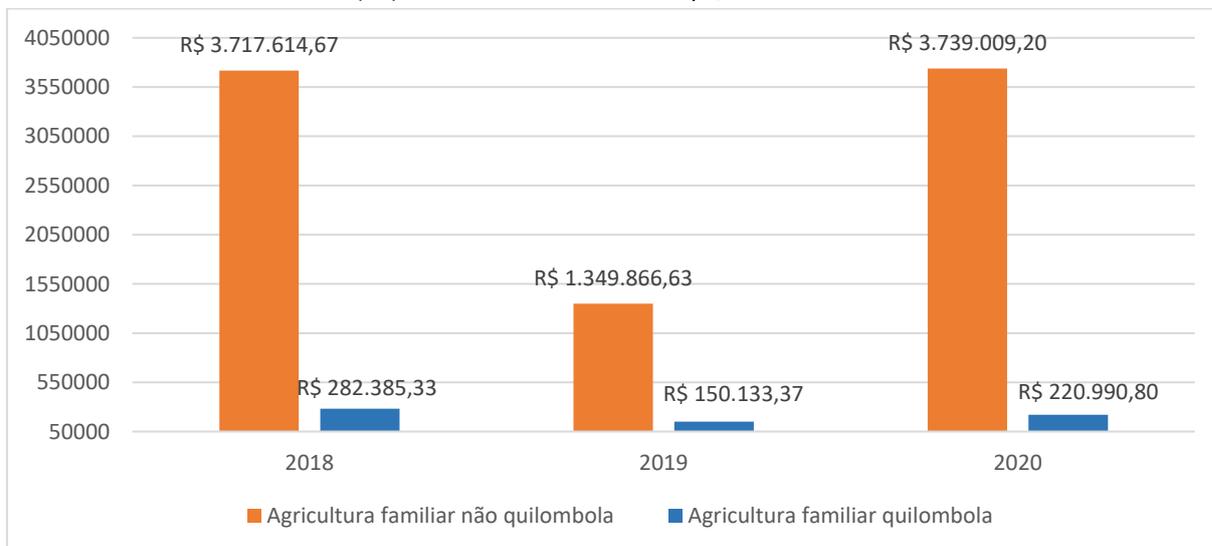
No Amapá, o programa é executado desde 2009, atendendo agricultores familiares dos 16 municípios.

O programa engloba seis categorias: Compra Institucional, Compra com Doação Simultânea, Compra Direta, PAA Leite, Formação de Estoques e Aquisição de Sementes.

No estado do Amapá, a modalidade Compra Institucional é operada por meio de chamadas públicas. Com esses produtos provenientes dos agricultores familiares, são abastecidos hospitais públicos, quartéis, presídios, restaurantes universitários, creches e escolas, entre outros. Cada unidade familiar pode vender até R\$ 20.000,00/ano.

Entre os anos de 2018 e 2020, o programa investiu no Amapá R\$9.460.000,00<sup>14</sup>, sendo que desse montante somente R\$ 653.509,50 foram investidos na compra de produtos oriundos de famílias quilombolas. Do total de 2.718 famílias contempladas nos três anos, somente 164 eram quilombolas.

Gráfico 12: Volume de recursos (R\$) do PAA investidos no Amapá, entre os anos de 2018 e 2020.



Fonte: RURAP/AP, 2020.

Como observado, existe uma baixa participação das comunidades quilombolas do Amapá como beneficiárias do PAA. É necessário mapear os desafios enfrentados pelas comunidades no acesso às políticas públicas, como o PAA e PNAE.

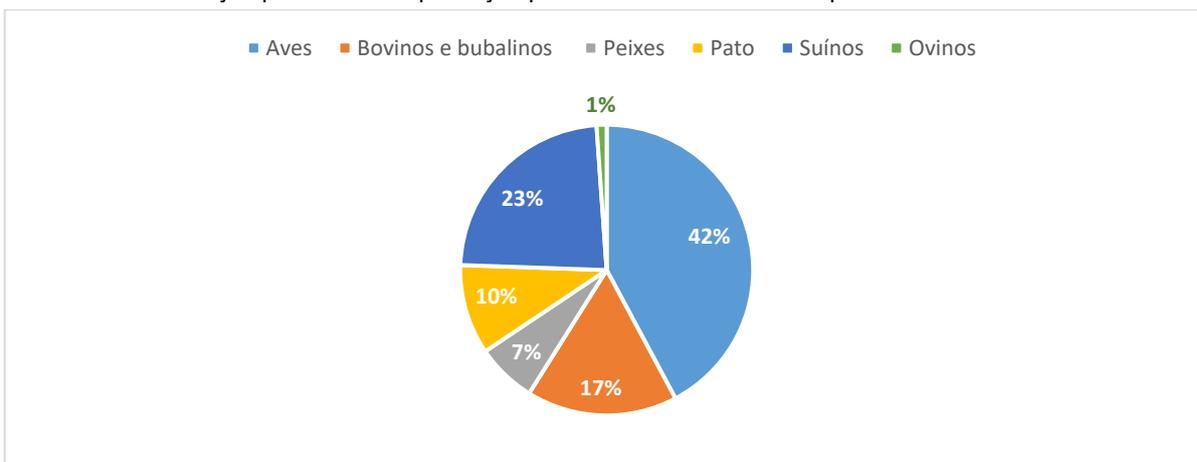
14 Fonte: <https://www.portal.ap.gov.br/noticia/0303/paa-ja-injetou-mais-de-r-1-milhao-na-agricultura-familiar-do-amapa>

## 5. CRIAÇÕES

As atividades pecuárias em comunidades quilombolas significam um complemento para segurança alimentar das famílias e uma oportunidade de geração de renda pela comercialização de excedentes.

Com relação às criações desenvolvidas pelas comunidades quilombolas, a partir das entrevistas, verificou-se a ocorrência, em ordem decrescente de produção, de aves, suínos, patos, bovinos e bubalinos, pescados e ovinos.

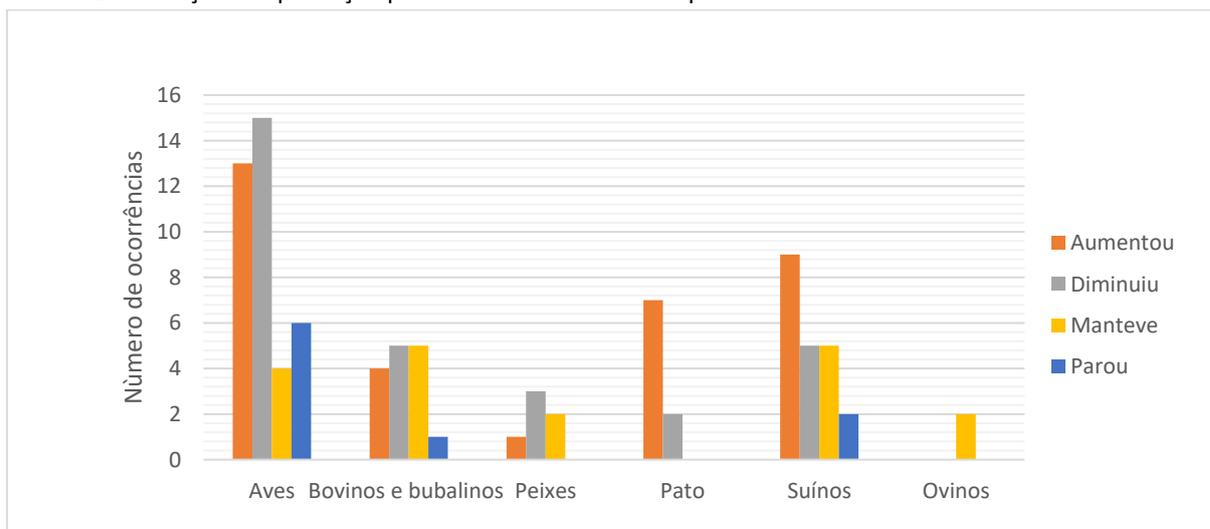
Gráfico 13: Distribuição percentual da produção pecuária em comunidades quilombolas.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Em relação às variações na produção pecuária no ano de 2020, verificou-se uma diminuição na produção de aves, peixes, bovinos e bubalinos. Entretanto, ocorreu um leve aumento na criação de patos e de suínos. Já a produção de ovinos manteve a média do ano anterior.

Gráfico 14: Variações na produção pecuária em comunidades quilombolas.



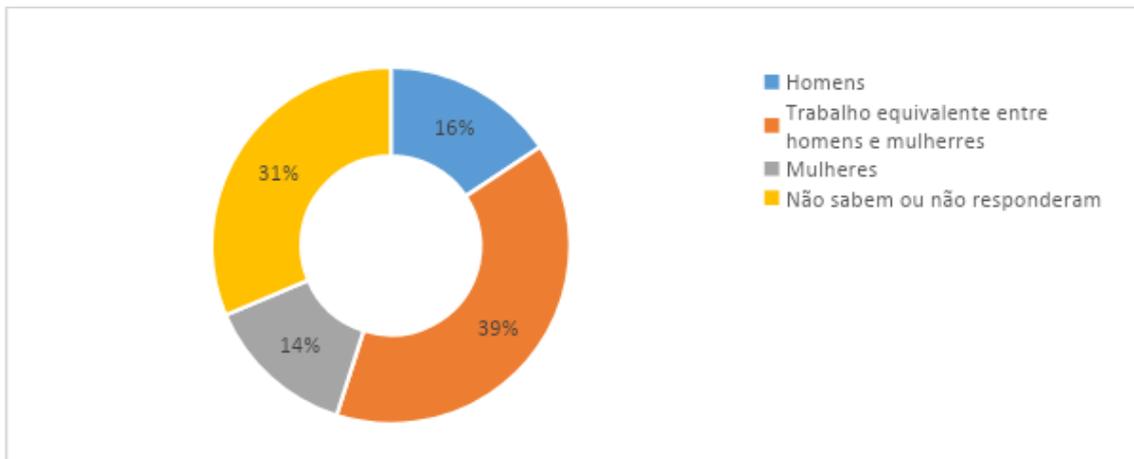
Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Importante verificar, em um próximo estudo, que fatores levaram ao aumento na produção de patos e suínos no ano de 2020, principalmente se existe alguma relação deste aumento com os

impactos gerados pela pandemia. No caso do aumento da produção suína, supõe-se que possa ter sido decorrente da diminuição da comercialização do mesmo no mercado local no ano de 2020.

A distribuição do trabalho entre homens e mulheres na produção pecuária, a princípio, demonstra estar em equilíbrio, uma vez que 31% dos entrevistados informaram haver paridade na distribuição do trabalho. Entretanto, um número significativo dos entrevistados (39%) não soube responder a essa pergunta.

Gráfico 15: Distribuição do trabalho entre homens e mulheres no manejo pecuário em comunidades quilombolas.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

A comercialização da produção pecuária segue a mesma tendência de equilíbrio de gênero que as atividades relacionadas ao manejo dos animais.

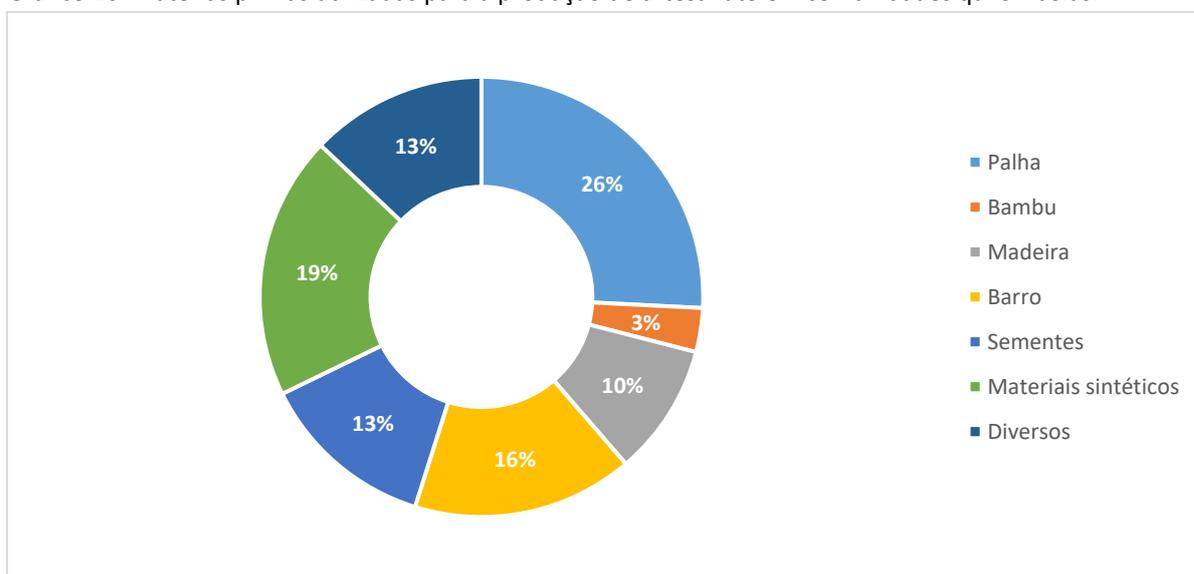


## 6. ARTESANATO

Adicionalmente, foram verificadas as ações das comunidades com relação à produção e comercialização de artesanato. As comunidades quilombolas produzem uma grande diversidade de artesanato, tais como: abano, bancos de miriti, biojoias, bonecas caixa de Marabaixo, choche, paineiro, peneira, panelas de barro, pintura de guardanapos, remos, tipiti, vasos, vassouras, entre outros.

A maior parte dos artesanatos é produzida a partir de matérias-primas naturais, como palhas (26%), principalmente a de buriti; barro (16%), para confecção de potes e vasos; sementes (13%) e bambu (3%). Alguns artesanatos são produzidos com o uso de matérias primas naturais e materiais sintéticos, ao mesmo tempo, e em menor proporção, estão os artesanatos produzidos exclusivamente com material sintético.

Gráfico 16. Matérias primas utilizadas para a produção de artesanato em comunidades quilombolas.



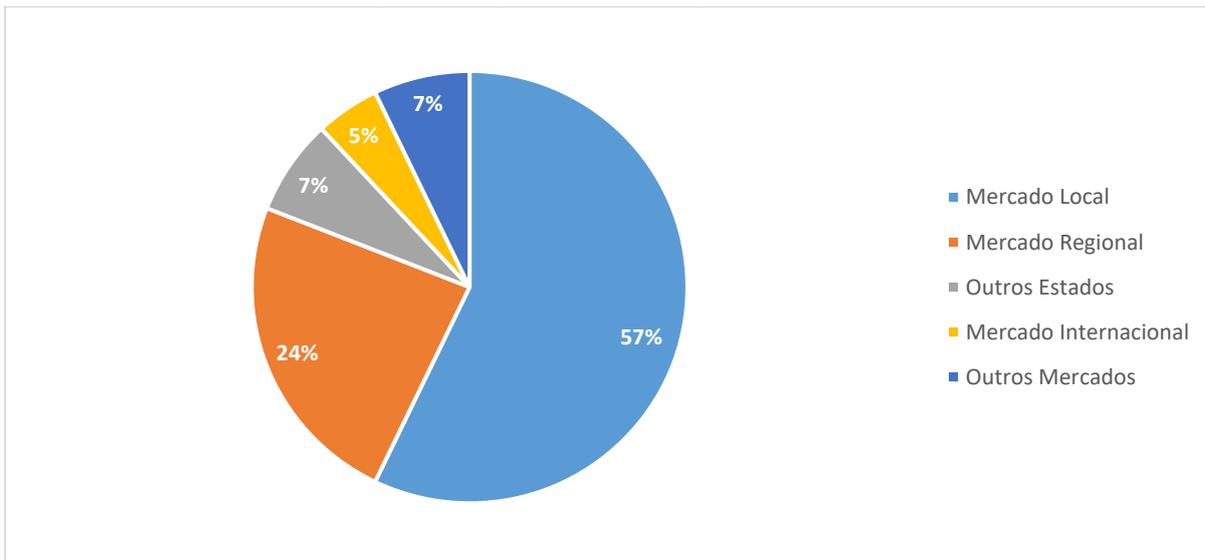
Fonte: Pesquisa de campo (2021).

A partir da percepção dos representantes das comunidades quilombolas, em 2020 houve uma redução média de 45% na produção de artesanato, principalmente dos produtos provenientes de matéria-prima natural. Sugere-se que a redução da produção esteja diretamente ligada aos impactos da pandemia nos mercados locais.

Embora o artesanato seja uma importante fonte de renda para diversas comunidades tradicionais da Amazônia, um grande empecilho aos artesãos é o escoamento de sua produção, bem como sua comercialização.

Sendo assim, o diagnóstico buscou ampliar as informações sobre os mercados acessados pelas comunidades quilombolas e, com isso, constatou que quase 60% do artesanato produzido é direcionado ao mercado local e regional.

Gráfico 17. Destino do artesanato produzido por comunidades quilombolas.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

O artesanato produzido pelas comunidades possui pouco acesso ao mercado nacional e internacional. Em um próximo estudo, é importante compreender quais fatores influenciam a regionalização dos artesanatos produzidos pelas comunidades quilombolas e quais ações são necessárias para a qualificação da produção e para acessar outros mercados.

Importante destacar que o diagnóstico contempla as comunidades de Maruanum, que são reconhecidas pela produção de artesanato de louças, como xícaras, bules, talheres, fogareiros, travessas e vários outros artigos. O artesanato desenvolvido pelas comunidades é feito manualmente, a partir de barro e caripé.

Em 2020, a prefeitura de Macapá reformou um espaço na cidade conhecido como Centro das Louceiras do Maruanum, que tem por objetivo difundir e comercializar a cerâmica produzida pelas artesãs quilombolas. Entretanto, atualmente o espaço está indisponível ao público, devido a restrições da Covid-19. Ele passou por manutenção, mas vem sofrendo intempéries climáticas, que prejudicam a estrutura recém-reformada.



## 7. TURISMO

O principal objetivo do diagnóstico ao abordar as atividades de turismo desenvolvidas pelas comunidades quilombolas foi de verificar quais são os impactos da Covid 19 nesta importante fonte de renda das comunidades. Além dos impactos da pandemia, também foi possível verificar quais eram as atividades desenvolvidas e como se dá a distribuição de gênero nas atividades de turismo.

Dentre as atividades desenvolvidas pelas comunidades, foram relatadas diversas festas tradicionais nas comunidades, como a São Gonçalo, Divino Espírito Santo, Festa São Thiago, Nossa Senhora da Piedade, São Tomé, São Cosme e Damião, Santa Maria e Sagrado Coração de Jesus. Também foram identificadas atividades de visita às comunidades e o Marabaixo, considerada uma das maiores manifestações culturais do Amapá.

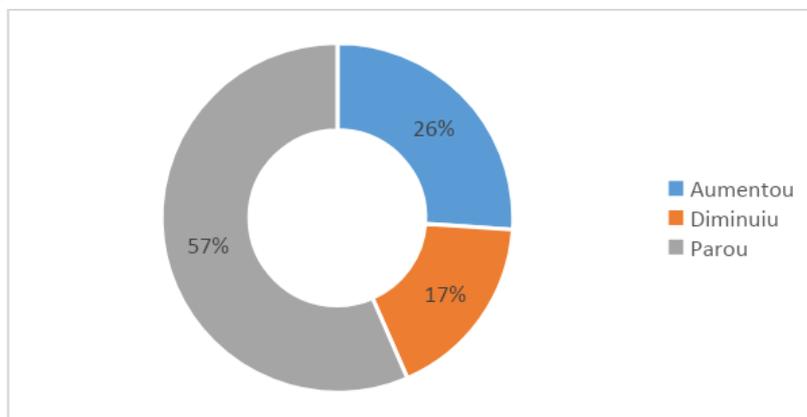
Também foram relatadas as atividades de visitas aos balneários, mas o diagnóstico não obteve informações sobre a forma como as comunidades conduzem esta atividade.

Considera-se majoritariamente que o turismo desenvolvido pelas comunidades quilombolas está classificado como Turismo Cultural. Essa modalidade consiste no desenvolvimento de uma série de atividades que proporcionam o acesso ao patrimônio cultural comunitário, ou seja, costumes e crenças que promovem o fortalecimento da cultura quilombola.

As atividades de turismo desenvolvidas pelas comunidades foram altamente impactadas devido às restrições de circulação das pessoas, decorrente do avanço da COVID-19 no ano de 2020.

Os entrevistados relatam que 57% das atividades de turismo foram pausadas, principalmente aquelas ligadas às festas tradicionais e visitas às comunidades. Por outro lado, houve um aumento de 26% nas atividades ligadas às visitas aos balneários.

Gráfico 18: Variação das atividades de turismo desenvolvido por comunidades quilombolas.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

## 8. CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

As comunidades quilombolas no Amapá possuem uma relação direta com a terra, local de sua forma de produção e reprodução do trabalho comunitário familiar e também uma agrobiodiversidade riquíssima, que está diretamente associada à bagagem cultural, tradicional e ancestral dos territórios.

Com o diagnóstico, foi possível demonstrar, mesmo que de forma não profunda, a relação das comunidades quilombolas com a terra, os diversos sistemas de produção agropecuária presentes e sua relação com o mercado.

O questionário aplicado e o presente diagnóstico tinham por objetivo primordial obter informações sobre o modo de fazer agricultura de comunidades quilombolas frente aos impactos da COVID-19. Apesar do questionário estar vinculado à produção agropecuária, nem todos os entrevistados dispunham de informações precisas e sistematizadas sobre a produção agrícola.

O estudo foi realizado com informações provenientes de uma amostra significativa das comunidades quilombolas do Amapá e permitiu identificar os principais desafios e oportunidades relacionados ao fortalecimento da agricultura familiar quilombola no estado.

A partir do diagnóstico é possível pontuar algumas recomendações sobre os principais aspectos levantados no estudo.

As comunidades quilombolas apresentam considerável diversidade na produção agropecuária, direcionada inicialmente à segurança alimentar para autoconsumo e, posteriormente, para a comercialização de excedentes. Foi verificado um alto potencial produtivo nas comunidades, entretanto, é preciso atuar para a superação dos principais entraves presentes na produção, beneficiamento e comercialização da produção. De acordo com o diagnóstico, os principais entraves para o aumento da produção são: precariedade de vias de acesso aos centros consumidores, problemas de gestão da produção, problemas jurídicos e falta de assistência técnica.

A pandemia é um fator importante que deve ser considerado sobre o aumento dos impactos negativos na produção. Entretanto, considera-se que a produção realizada em 2020 tenha sido fundamental para a segurança alimentar das famílias agricultoras.

Do ponto de vista de acesso a tecnologias na produção, o investimento em casas de farinha automatizadas/mecânicas é uma grande oportunidade para melhorar a qualidade de vida das famílias produtoras, uma vez que esses equipamentos podem gerar aumento da produção, economia de mão de obra empregada e aumento da geração de renda. É imprescindível que a instalação desses equipamentos seja acompanhada de assistência técnica especializada e do estabelecimento de regimentos internos, para a gestão desses equipamentos pelas comunidades.

Com relação a investimentos no fortalecimento da agricultura familiar quilombola, vimos neste estudo que a maior parte das comunidades do Amapá mantiveram-se distantes de investimentos de políticas públicas, como o PAA.

Considerando que políticas públicas de aquisição de alimentos da agricultura familiar representam um importante caminho para o fortalecimento das comunidades, recomenda-se que as comunidades recebam apoio técnico para diagnosticar quais são os entraves que levam a baixa participação delas no PAA e para a interlocução com o órgão público implementador do programa, com o objetivo de ampliar a participação das comunidades em programas de mercado institucional.

O diagnóstico não apontou diferenças significativas na divisão de gênero no desenvolvimento das diversas atividades inerentes à produção agropecuária desenvolvida por homens e mulheres. Da produção à comercialização, é perceptível o equilíbrio do trabalho, ele é válido nas atividades de artesanato e turismo também.

O estudo não abordou outros aspectos importantes nas relações de gênero, como a gestão financeira dos recursos obtidos pela comercialização da produção agropecuária, este seria um aspecto importante a ser verificado em futuros estudos.

Recomenda-se que as comunidades e CONAQ-AP construam um mapa de organizações parceiras que possam contribuir com a superação dos entraves diagnosticados na produção, processamento e na comercialização da produção. Organizações como a Embrapa Amapá, por exemplo, demonstraram interesse em apoiar as comunidades quilombolas por meio da pesquisa e implementação de tecnologias produtivas. Já o RURAP, operador do PAA no Amapá e responsável pela extensão rural pública, poderá contribuir com assistência técnica às comunidades de acordo com suas demandas.

É importante verificar pendências financeiras e/ou documentais das associações comunitárias para regularizar suas gestões junto aos órgãos competentes. O diagnóstico apontou, por exemplo, que existem organizações que não reconheceram a ata de eleição da diretoria junto aos cartórios. É bem verdade que a pandemia pode ter impactado esse processo, entretanto, a conclusão dessa etapa é imprescindível para o acesso das associações às políticas públicas.

A partir da viabilidade financeira e de recursos humanos, é importante a disponibilização de cursos/oficinas nos temas de gestão administrativa e financeira das associações, além de outros tópicos relevantes para o pleno funcionamento das organizações.

A CONAQ-AP tem estudado a criação de uma cooperativa quilombola. A fundação de uma cooperativa de produtores e produtoras quilombolas que contemple diversas comunidades aparece como uma alternativa interessante, uma vez que a cooperativa é a organização social mais indicada para tratar de assuntos inerentes à produção e a comercialização de produtos da agricultura familiar. Uma cooperativa poderia aumentar a comercialização direta dos produtores com os mercados consumidores, diminuindo a dependência de intermediários/atravessadores, muito presentes nas comunidades, como observado no diagnóstico.

A cooperativa permitiria que as associações quilombolas mantivessem o foco na representação política de suas comunidades no que diz respeito à saúde, educação, energia, transporte, entre outros. Mas para fundar uma cooperativa é imprescindível que as comunidades participantes e organizações de apoio reflitam que a cooperativa é uma “empresa coletiva”, em que pessoas se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e/ou culturais comuns. Em outras palavras, é fundamental que a cooperativa seja criada, a partir de um interesse genuinamente coletivo.

Importante enfatizar que o diagnóstico é um recorte da produção agropecuária das comunidades quilombolas, apesar de permitir algumas considerações sobre a produção, não podem ser consideradas conclusivas, uma vez que os impactos da COVID 19 impossibilitaram que as informações fossem coletadas, em sua totalidade, diretamente com os produtores. Neste sentido, novas informações poderão ser captadas ao longo da implantação do plano de ação.

# Diagnóstico - Ações de produtividade nas comunidades Quilombolas do Amapá

